

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALETICA


TOALHA DE FLORES



DIALÉTICA
EDITORA

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Gustavo Melo Franco Bahia	Luiz Carlos de Souza Auricchio
André Luís Vieira Elói	Marcelo Campos Galuppo
Bruno de Almeida Oliveira	Marcos Vinício Chein Feres
Bruno Camilloto Arantes	Maria Walkiria de Faro C. G. Cabral
Bruno Valverde Chahaira	Marilene Gomes Durães
Cintia Borges Ferreira Leal	Rafael Alem Mello Ferreira
Flavia Siqueira Cambraia	Rafael Vieira Figueredo Sapucaia
Frederico Menezes Breyner	Rayane Araújo
Jean George Farias do Nascimento	Régis Willyan da Silva Andrade
José Carlos Trinca Zanetti	Renata Furtado de Barros
José Luiz Quadros de Magalhães	Robson Araújo
Leonardo Avelar Guimarães	Rogério Nery
Ligia Barroso Fabri	Vitor Amaral Medrado



TOALHA
DE
flores

MARCO AURÉLIO NASCIMENTO AMADO



DIALÉTICA
EDITORA

Copyright © 2021 by Editora Dialética Ltda.

Copyright © 2021 by Marco Aurélio Nascimento Amado.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Arte da Capa: Laiz Nascimento Dias

Capa: Lucio Godoy

Diagramação: Brunna Dias Carielo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha catalográfica elaborada por Mariana Brandão Silva CRB-1/3150

A481t Amado, Marco Aurélio Nascimento.
Toalha de flores / Marco Aurélio Nascimento Amado. – Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021.
80 p.

ISBN 978-65-5877-778-6

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia. 3. Poemas. I. Amado, Marco Aurélio Nascimento. II. Título.

CDD B869.91

CDU 82-1(81)



DIALÉTICA
EDITORA

 /editora dialetica

 @editoradialetica

www.editoradialetica.com

Apresentação

O fluxo ubíquo e pungente de ideias, sentimentos e temporalidades presente na coletânea poética que o leitor tem em mãos por si só revela a ingente e tormentosa tarefa de escrever palavras à guisa de Apresentação de um livro de versos, se ponderarmos que a pretensão de análise, de julgamento, de compreensão e apresentação sempre serão mais sumárias que a fervura calma ou a tepidez acelerada do poeta em seu ofício solitário.

Máxime quando se trata de obra que se viu, em fugazes momentos, ser desejada, pensada e nascida, algumas efemérides marcadas no opúsculo lembram tempos de compartilhamento de alegrias e leituras, mas principalmente do incerto que move o autor e que comoverá o leitor, a este, que neste momento pode estar suspenso em suas expectativas de leitura, explicar-se-á nas próximas linhas.

Em sintetíssimo apanhado, a temporalidade indecisa, que vai e volta, que não se permite deixar de ser e muito menos vir a ser, percorre o livro, arrebenta os sentimentos, oprime as ideias, arrasa a lógica temporal do léxico, torna errático o acompanhar das caminhadas. Os versos arrastam o leitor como a conduzi-lo dentro de um veículo desbravador de um panóptico atemporal.

Vemos o tempo do dicionário se amalgamar nos encontros entre “balaustradas” parnasianas e “retinas” modernas (ou sei lá onde se enquadrem) que evocam um Augusto perdido nas pós-modernidades de um “soft blues”, num quê de *streaming* poético engendrado por algum código binário computacional, sem enquadramento numa lógica geracional que faz questão de olvidar os *frames* dos tempos passados.

Segue o ligeiro cavalo poético contemporâneo com os tempos que desrespeitam a geografia, a Bahia de Todos os Santos com a reticência do credo num apelo a Deus presente no descrever de algum ateu (Soneto da Desilusão), digna mesmo dos testemunhos de Jorge Amado e sua convicção de ateu pela salvação de algum através da Umbanda! O Crato fugaz na contemplação da natureza, do vazio insultador que escala as serras, que desfaz a beleza, que nubla, que caduca (Mirante do Cariri)! Algum Rio de Janeiro, algum aeroporto, algum porto que faça e desfaça

os encontros e a predominância dilacerante da morte que caminha em procissão, o tudo que marcha inconsciente para o nada, como a violência estúpida que oblitera a razão, descrita no verso que rompe os limites da paciência com o dicionário positivo, é *pardocídio* (Notícia de Rodapé)! É ignomínia! E os nossos tempos chegam na língua do poeta como o irromper de um grito que ensurdece, de um choro incontrolável que testemunha a dor de uma civilização que se esboroa nas manchetes ou nas notícias de rodapé. A vida e a sociedade em suspenso de terror (22/05/2013).

É maduro o poeta e madura a poesia que o leitor desfrutará no folhear destas páginas. Foi um convite ao desafio a tentativa de decifrar as ideias de um poeta, ou de traduzir a musicalidade dos versos para si mesmo, para o idioma solipsista que cada um tem no seu interior. Está agora o leitor convidado e desafiado, leitura e compreensão sempre serão desafios.

Aluizio Jácome de Moura Júnior

Münster, Vestfália, Alemanha, 03/11/2020(00:24).

Prefácio

“Há quem pergunte, há quem desconfie” que Marco Amado nasceu em Ilhéus, na Bahia. Sei que é leitor voraz de filosofia, que já fez poesia para mim em “Recado a Rebouças”, onde me dragou num verso “Ah! Vida longa aos desbravadores!”, sei também que escreveu para minha forma de amar em “O momento exato onde todos os conceitos cedem à exclamação”, ao escrever “Simbiofagia” e sei de tantas outras coisas que, como estas, importam pouco, são letras de “arco-íris” diante do que ele escreve e da forma como escreve os poemas nesse seu livro de estreia como poeta.

A primeira impressão de leitura é de que esses poemas foram impelidos por instinto de urgente sobrevivência. Apesar da urgência, há neles lenta maturação e extremo refinamento. A leitura nos deixa quietos, em catarse, outrora remediados.

Amado olha para o mundo e para si desde uma perspectiva atemporal onde sua condição humana é motivo de perplexidade e estranhamento. Ele habita um menino ainda se tornando gente. Ao mesmo tempo sentimos que esse ser, em lapidação, é um velho sábio, dotado de recursos ancestrais. E à inocência e à sabedoria de ambos, se soma o homem que encarna outra complexa contradição: a de um corpo dotado de paixão concreta, mas também impalpável, que tende, através da intensidade dos sentidos, à dissolução e ao incorpóreo.

Pois bem, essa força poética tão rara de se encontrar em nossa literatura contemporânea, ao falar de si dá voz às outras.

Detalhes pueris do cotidiano que passam despercebidos, sob o olhar de Amado, adquirem uma aura, como “Um na barba; outro sentado” ou “incomodado por não conseguir esquivar da sombra”. Há nele algo de Santo. Não é difícil imaginá-lo em um claustro buscando no silêncio a linguagem dos anjos e tratando de divino o que há de mais profano. Há tanto vigor no seu universo que temos a impressão de estarmos diante de um estado volátil, preso a si mesmo e ao seu corpo por um fio metafísico, amoroso.

Em todas as culturas, há reflexões provocadas pelas angústias amorosas. A atmosfera melancólica na poesia de Amado, em especial, é eufemismo para as dores humanas, pois permanece inexistência de Sísifo, que ergue a pedra em queda implacável, a Fênix renascida das cinzas após uma combustão “simbiofágica” – essa mitologia representada pelo tilintar

das sílabas como emblema de libertação, como em Nietzsche: “O que não me mata me fortalece”.

Amado possui toda as palavras. Clássica e original transborda tanta inspiração que a dosa em gotas. No meio da página, de passagem como se nada, ele corta a seco o que poderia ser possível, com aquela imagem. Aquele soco.

Há poetas que não chamam a atenção para si com as palavras. Os versos servem ao conteúdo, obedecem humildemente ao que há para ser dito. E dizem com contida precisão e elegância. A melhor poesia nomeia o que há em todos, e ao nomear, desperta sentimentos que nos recordam quem somos, que nos parecemos, que somos uma só espécie. A poesia em Marco Aurélio Amado suplanta essa vida, que é permeada de poesia, assim como em Delphos: Decifra-me ou te devoro. Amo amar Amado.

Danilo Rebouças dos Reis é soteropolitano, poeta, ator, servidor público na Secretária de Cultura do Distrito Federal e pesquisador no Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da PUC-SP.

Sumário

(IN) CERTEZA,	11
TÉDIO,	13
MADRUGADA,	14
O DIA EM QUE DEUS CHOROU,	15
ADEUS,	17
ÚNICA MEDIDA! VENHA POESIA,	18
DESPEDIDA,	19
(IN) SATISFAÇÃO,	20
SEM PROPÓSITO,	21
CONTA-GOTAS,	22
DECLARAÇÃO METALINGUÍSTICA,	23
DISPERSÃO,	24
FLORESCER,	25
FOLHAS OUTONAIAS,	26
O DILEMA DO GUARDA-SOL COM O GUARDA-CHUVA,	27
PEDIDO NOTÓRIO,	28
PERALTICES DE UMA GANGORRA,	29
SENSATEZ,	30
TERCEIRA PERNA,	31
UMA NOVA TABUADA,	32
ENTRELINHAS,	33
BILHETE DAS SEIS,	34
DEDICATÓRIA,	35
MEU ÚLTIMO POEMA,	37
SOFT BLUES,	38
ITINERÁRIO DO FILHO DE EPITÁFIO,	39
DESPERTAR DO SILÊNCIO,	40
EU E A ILHA, SOB O OLHAR DE RUY,	41
MONÓLOGO,	42

VAI SABER, 43
NOTÍCIA DE RODAPÉ, 44
FORA DO AR, 45
DANÇA DOS CISNES, 46
PÁSSARO, PASSANDO, PASSARINHANDO..., 47
ENTARDECER, 48
UM TIQUINHO MAIS DE "ÃO", 49
SAI DE MIM, 50
SOMOS QUASE PERFEITOS, 51
SONETO DA DESILUSÃO, 52
NUM PISCAR D´ OLHOS, 53
"JURISDICTIO", 54
MIRANTE DO CARIRI, 55
SIMBIOFAGIA, 57
SONETO DA DESPEDIDA. 58
RECADO A REBOUÇAS, 59
HORA MARCADA, 61
NENÉM GUANABARA, 62
A VÍRGULA, 63
ETERNIDADE, 64
UMA CERTA LIÇÃO, 65
SUSSURROS DE PAI PARA FILHA, 66
O ATROPELO DUM SUJEITO PRAGMÁTICO, 67
SELFIE, 70
A LINGUAGEM DO AMOR, 71
LA SEÑORITA Y SU MARTINI, 72
ANSIEDADE:, 73
DOAR-SE-EM-TI, 74
TOALHA DE FLORES, 75
POSFÁCIO UM, 77
POSFÁCIO DOIS, 79

(In)certeza

Todo caso...
Um caso à parte
Toda regra...
Uma fácil exceção
Todo conhecimento...
Um despontar infantil
Toda luz...
Um meio para se perder
Toda poesia...
Umas “únicas verdades”
Toda opinião...
Um mero ponto de vista
Cego! Completamente cego.

05/10/99. 10:00 am

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Murchar-me é tempo futuro do pretérito
Condicional...
Basta você me servir com sua seiva
E...
Uau!

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALETICA

Jélio

A mão no queixo
Sem qualquer interrogação...

16:01
19/06/2005

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Madrugada

Passei bem rápido pela noite
pelos postes, pelas ruas
mal iluminadas.
Passei tão rápido...
Mas tão rápido...
Que nem o vulto me acompanhou.
Travei na madrugada
Incomodado por não conseguir esquivar da sombra...
Comecei a ficar lento...
O poste me filmou
e a rua me calçou!
O que sobrou de mim?
Os cacos que sempre encontras na sua balaustrada!

21:36
20/06/2005

O dia em que Deus chorou

Era apenas uma negra mancha
 Uma mancha disforme...
 Brotada da terra que a pariu
 E que, agora, lhe oferece sepultura como conforto
 A cena era angustiantemente triste
 A criança angustiantemente magra
 Os olhos secos...
 Cansados de lágrimas derramar
 Suas finas pernas, apenas ossos!
 Sua faminta boca amarga, apenas ânsia!
 Rastejava como serpente
 Farejando seu próprio corpo doente
 O sol resolveu brilhar mais forte
 Tão perverso...
 Secou o último suor.
 Brotava sangue dos olhos secos
 Balbuciava alguma coisa...
 Ao redor... coisa alguma!
 E com a maior naturalidade, mordeu-se
 A dentada do dente frágil foi violenta
 Arrancando um bom pedaço da própria mão
 Mastigava com voracidade
 Carne podre regada a vinho tinto
 Balbuciava alguma coisa...
 Engoliu a seco
 A cena era angustiantemente triste...
 Olhou com grande desespero para o lado
 E percebeu que a outra mão lhe faltava
 Tinha que se servir aos poucos...
 O odor era sua arma eficaz
 Afugentava o urubu audaz
 Só se via a mancha...
 Claro! Os olhos estavam embaçados!
 Ergueu a pesada cabeça...

Balbuciando alguma coisa
Enfim, os olhares entenderam-se
Derramou-se, então, uma única lágrima
Que apagou duma vez o borrão
Afogando a triste cena.
A criança era angustiantemente miserável...
Definitivamente...
Os olhos precisam de eufemismo!

6/11/99 8:56 Pm

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Adeus!

sim, apesar de todas as flores de Pasárgada que te entreguei,
 das mais rubras, amarelas,
 cheias de arco-íris...
 Recebi apenas flores de plástico de ti
 Sim, das mais rijas, inodoras e incolores!
 Vareei madrugadas, transei noites e
 capotei na sua ba-
 laus-
 trada
 com aquela linda flor na mão!
 Recitei versos pobres,
 (mas, versos meus)
 olhei com deslumbre
 (o rosto teu)
 dediquei-lhe minhas dúvidas,
 minhas fraquezas...
 Até meus assombros!
 Escalei o edifício da minha falsa esperança
 trazendo-lhe propostas de bolso
 (muito bem intencionadas, por sinal!)
 Mas não tive tempo de abri-las!
 E com elas, as pétalas da flor desprenderam-se de minhas mãos
 Caindo levemente desse arranha-céu escalado
 (e não conquistado)
 Era a flor mais cálida que pude colher
 E enquanto pousavas tão bem na sua balaustrada intangível
 com teu doce olhar de indiferença...
 Desenharam-se, na relva, minhas pétalas de botão
 Dizendo-te:
 “Adeus!”

19:21
 27/06/2005

Única medida! venha poesia!

Antes da palavra: conceito.
Antes do conceito: preconceito.
Antes do preconceito: ideia
Infantil..
O ser criança: maturidade
Na maturidade: pensar
em ser adulto (que absurdo!)
E lhe vem a ideia
com preconceitos
recheada de conceitos
traduzidas em palavras
Ah!
É por isso
Que algumas (quase todas)
Poesias
Nunca precisaram
de palavras...

23:16
08/04/04

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Despedida

Aquele beijo de pássaros...

Viste?

Naquela tarde, naquele ninho...

Aquele canto em conjunto...

Ouviste?

Naquela alvorada, naquele ninho...

(...)

As tardes estão mais solitárias...

Sentiste?

Sem toque de cânticos, sem arrepio...

A alvorada mais preguiçosa...

Percebeste?

Com tristeza em fazer o dia despertar...

(...)

Não há mais beijo

Naquele ninho.

16:35

10/01/2005

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

(In)satisfação

Tenho seu gosto de ontem em meus braços
Tenho seu cheiro de hoje...
... de Saudade!

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Sem propósito

Todas as interrogações cederam ao ponto final.
Vieram as reticências, os titubeios, a...
Tornar-se reflexivo
É o que basta.
Ponto Final!
Esta estória não tem fim
O vento te curva?
O horizonte não desponta.
Nesta casa bem mal assombrada
Moram e morrem alguns desejos
Tão suspeitos!
Rarefeitos...
Todas as interrogações cederam ao ponto final.
O que se escreve,
Se tenta,
Se...
Só se...
Essa palavra não está mais afim
De ceder o ponto de texto
Basta susto!
Esse urso
Chamado surpresa!
Onde vento voltou a curvar
O eco...
Está soando!
Reflexivo igual...
Sem sentido
Nesta casa sem propósito
Voltam as palavras
E os desejos morrem (renascem)
Todos eles...
Sem propósito.

Conta-gotas

Pinga, pinga, pinga...
A felicidade comedida
Na métrica ritmada
Ansiando a alma carente

Sua gota simétrica
O antídoto perfeito
Minando o coração insatisfeito
Pinga, pinga, pinga...

A fácil medida cedida
Tortura meu olhar miúdo
Empoçados de tão úmidos
Sempre a contar...

Pinga, pinga, respinga
Transbordando-me por completo
Trazendo o elixir essencial
Que me faça ser feliz

Não quero mais a medida certa
Pinga, pinga e seca!

Declaração metalinguística

Peço ao Albatroz* tuas habilidades
Para rastear os campos místicos
Onde florescem os versos incertos
Das mentes que clamam a ardente chama

Através de ti, penetrar-lhe
Flutuar nas tuas antíteses
E fazer-me ser paradoxo
Caminhando vacilante na métrica imperfeita

Enfim, essencialmente em ti
Fazendo-me transparente
Traduzível...
Legível...

Sou mero uso de tuas façanhas
Não escrevo... sou escrito!
Eis o grande perigo!
És a arpa dos acordes que me jogam ao vento

Everest dos aventureiros
Que escalam os versos sorrateiros
Despencando das rimas frágeis
Caindo nos haicais labirínticos

Deslizo a procura do teu Sol
E continuo no túnel incerto
Tentando camuflar-me...
Parecer ser intangível

Não preciso sair ileso
Mas, faça-me pouco decifrável
Pois sou tão fácil
Como o coração do poeta apaixonado!
(- Eis teu grande defeito e tua mais doce virtude!).

* Que seja o mesmo de Castro Alves.

Dispensão

Só por um instante emudecer...
Planar minha imaginação
Sobre um semblante estático
Enrijecido de tão absorto
Monótono de tão tranquilo.
Escapar da roda-viva da vida
Sendo um fugitivo desse parque incessante

E servi-me como mero espectador
Com a cautela de congelar a imagem
Para não cansar minhas vistas doentes
Alcançando a virtude maior de não pensar
Silenciar, descansar, enfim...
Dispensar-me!
Para nunca mais me reintegrar
E viver a maravilha
De uma vida sem ação
Sem verbos!
Somente com interjeições!!!

Florescer

Infinita paciência
Para o desabrochar da virtude
Ainda muito verde
Mas angustiada em respirar
Nos raivosos rabiscos traduzidos
A infantil ânsia de sensibilizar
De que seja belo e eterno
Lei natural é perfeição
E ela exige espera
Finjo ser racional e descanso
Mas as mãos trêmulas insistem
Em colher frutos miúdos
É uma sutil preferência pelo esboço
Que sangra para parir a arte-final.

05/10/99. 09:30 am

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Folhas outonais

Vejo-as cair uma a uma
No pesar dos meus olhos
Um contentamento descontente
Repousando no chão acolhedor
Uma a uma...

O semblante faz-se tristonho
Marrons inundam a esperança verde
Sufocando o meu desabrochar
Ah, árvores que me rodeiam!
Retira-te tua rija casca!

Pacato é o horizonte
Escondendo tua fronte
Nas densas nuvens espaçadas
A desventura da ausente luz
Impede minha fotossíntese

Mas, dançarei entre teus galhos
À procura da oportunidade imortal
O doce exalar virá
Trazendo-me as muletas amarelas

O dilema do guarda-sol com o
guarda-chuva

Abre o guarda-sol
Fecha o guarda-chuva
Abre o guarda-chuva
Fecha o guarda-sol

Num estalo de serenidade
A engenhosa mão ganha habilidade
Abre os dois...
E faz nascer o arco-íris!

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Pedido notório

Corre tempo! Escorre...
Passe entre as mãos
Deixe-se peneirar e ficar
Pare, tempo! Interrompa a fuga
Descansa e caia como uma luva
Sendo o amigo fiel, pare de distrair!
Corre, fica e estica
Iluda a ânsia que é sempre carente
Sirva a quem te outorgou!
Traz a cura para a insatisfação
Mutile qualquer forma de decepção
Desaparecendo...

18/09/99 11:47 am

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Peraltares de uma gangorra

Subindo e descendo...
E a vista flutua
No seu ritmo incerto
Ora lua, ora sol...

Desce tão fácil!
As lágrimas insistem em acompanhar
Regando as belas flores
Que nunca consigo apalpar

Apesar do esforço de suor
A subida sempre deixa a desejar
Eta, gangorra peralta!
Adoras me ver cansar!

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Sensatez

Antes o primor das palavras
A brisa envolta do corpo pacato
O doce espreitar da noite orvalhada
O luar pairando... sempre delicado
E o horizonte multicolorido
A espera do astro-rei!

Antes sentir-se navegante
De mundos desconhecidos
Embar-se nos pensamentos difusos
E instigantes de tão confusos
Sentir-se pleno em plena vida
Saboreando o instante antes da saída

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Terceira perna

Quando me vier a terceira perna
Driblarei a tristeza
Gargalharei a ingenuidade do amor
(mesmo que me venha tumor)

Quando me vier a terceira perna
Economizarei lágrimas
Acharei o sorriso peralta
(mesmo que me perca a dentadura)

Quando me vier a terceira perna
Desejo não reclamar paixão
Para não entristecer os olhos
Que buscam o broto das mãos

Quando me vier a terceira perna
Não temerei o sopro da morte
Pois já tenho meu suporte
Que calçam os meus, então, pés descalços.

12/07/99 23:59

Uma nova tabuada

abençoados pela multiplicação
Há quem reclame do pão
(Que desconhece a divisão)

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Entrelinhas

Precisa-te de escudo?
Entrelinhas...
Precisa-te de máscara?
Entrelinhas...
Precisa-te de calçado?
Entrelinhas...
E se tiver receio dos degraus...
Entrelinhas...
E na tua falta de coragem...
Entrelinhas...
Eta! Armadura porreta!
E se quiser ficar no corredor escuro...
Entrelinhas...
Está com medo do holofote?
Entrelinhas...
Não há problema.
Nas entrelinhas podes tudo!
Podes até fingir que és forte!
Que não tens medo da morte!
Ah! Mas se quiseres, meu amigo,
provar o doce do vento,
a ternura e calor,
Ah, meu amigo,
Se quiseres realmente ficar nu e cru,
Não titubeie!
Entre na linha!

11:24
28/05/2005

Bilhete das seis

Tum, pegue esse rumo!
Tum, tum... aonde não há norte, nem sul!
Tum, tum, tum... caminhe a passos largos!
Tum, tum, tum, tum... veja que nesse horizonte
Tum, tum, tum, tum, tum... o azul se confunde com
Tum, tum, tum, tum, tum, tum, tum...
Não coloque as palavras na frente do vento... Tum, tum, tum, tum, tum,
tum, tum, tum...
Que você pode acabar engolindo suas lágrimas... Tum, tum, tum, tum,
tum, tum, tum...
É... nesse trilho que caminhas... Tum, tum, tum, tum, tum, tum...
Um dia eu desacelerei... Tum, tum, tum, tum, tum...
Acabando de braços num domingo... Tum, tum, tum, tum...
Resolvi lhe passar o bilhete das seis... Tum, tum, tum...
Aproveita! É passagem sem volta... Tum, tum...
Pegue este teu rumo... Tum...
Nesse caminho aonde não há norte, nem sul!
Tum, tum, tum, tum, tum, tum, tum...

23:31 – 15/08/2005

Dedicatória

Para você,
Que nunca me viu passar
Que nunca leu o que escrevi
Que nunca cruzou seus olhos em mim...
Para você,
Que nunca precisou desse ombro
Que nunca viu o pôr-do-sol só
Que nunca aterrizou no meu lençol...
Para você,
Que sempre tem flores no parapeito
Que já cansou de ler cartas dedicadas
Que não suporta mais poesias manjadas...
Para você,
Que ainda tem a paciência de ler meu esforço...
Estou aqui!

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

(...)

Disseram-me que existem segredos,
Realmente secretos!
Daqueles bem impróprios
Segredos de conteúdo perturbador...
Perturbador da calma,
Da alma.

Disseram-me que somente esses segredos
São capazes de te revelar!
Então, muito desavergonhadamente, disseram-me:
– Nunca te contes teus segredos!
– Nem no espelho!
– Nem nos olhos de quem possa te refletir!

(...)

Então disse-te: nunca me vires pelo avesso!
– Não me rasgue a armadura!
– Não me olhes nos olhos!

(...)

Mãos trêmulas, sim.
Ofegante, incomodado, com olhos de soslaio,
Enfim...

(...)

Disseram-me que existem segredos,
Realmente secretos!
Que não conto nem para m...!
(é quando percebo no final de tarde)
(quando meus segredos mais ardem)
(que minha tentativa é inútil)
(pois, mais uma vez...)
(é você quem sai de mim!).

21:33 / 25/05/05

Meu último poema

(resposta a Manuel Bandeira)

Assim eu quis meu último poema.
... o ensaio derradeiro,
da última lágrima.
... o titubeio sem retorno,
do último suicida...
... que no executar do seu suspiro,
percebesse que sempre surgem novos brotos
Interessados em colher mais algumas (novas) lágrimas.
Assim eu quero meu último poema.
Que seja a mão que empurra o suicida e
a relva que me amortece.

19:00 – 06/10/2005

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Soft blues

Aquela paragem de relvas campestres
Bem ali, do lado oposto da retina
Umedeceram as mãos dos bailarinos.
Todas as pétalas dançavam ao vento
No sabor orvalhado de um soft blues.

Seguiram no ritmo frenético
Tal qual dois cisnes enamorados
Era o ensaio da última cena
Encenado na última trilha
... em uma nota de soft blues.

E seguiam, e giravam, e cediam às estrelas que se compunham
E fisgavam, e enroscavam-se absortos.
Um único corpo, numa única ciranda.
Bem ao ritmo de um soft blues...

As raízes suspensas
As gotas dos caudais cheiravam girassóis
Justamente quando o Sol parou de girar
... em torno dos bonecos frenéticos.

Era o cenário estático em movimento
Uma simbiose de espanto
Uma boca cala a outra
Adormecendo as seivas,
Os caudais,
O espectador,
e os girassóis.

No (des)compasso de um soft blues.
16:00
07/05/2006

Itinerário do filho de epitáfio

Ébrio Ressaca, poeta, 26 anos, residente e domiciliado na Avenida da Tragédia, bairro da Ressurreição, n.º 666..., cidade Suicídio, estado da Baiúca, país Abairópolis.

Apresentou-se com traje a rigor. Tomou alguns conhaques. Madrugou sem acordar.

(...).

Deixou alguns filhos rabiscados e uma saudade cor de bile...

... bem ao largo da Avenida da Ajuda.

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Despertar do silêncio

Alguns sentimentos não morrem
Hibernam.
Ficam à espreita, tentados em revelarem-se.
É quando o corpo vira mero objeto dos desejos suspeitos
Hum...
Desejos-suspeitos!
Basta saber quando virá o dedo no gatilho
E com o estampido ouvir-se o ruído
Passam gaivotas e horizontes
Por de sóis sóis!
Acompanhados com qualquer coisa que não passe de
uma sombra.
Revire-se e sacuda-se!
O que diabos caiu do bolso de seu coração?

Qualquer forma de tentação
Não é, senão, a maçã descascada do seu sonho acordado!

Eu e a ilha, sob o olhar de ruy

há qualquer coisa de solidão em tua avenida
Que me enlouquece
Solidões nossas
Há quem pergunte, há quem desconfie.
Somos cúmplices da imagem deserta
Que te anima e me amamenta.
Os por de sóis sóis
Sua praça, seu banco, suas pétalas de ardor
Que são só minhas e tuas
Somos dois solitários
Vivemos uma simbiose de inveja!
Suas ruas, minhas veias.
Tua calçada, minhas vestes.
Tua rotina, meu pensamento.
Só meu!
Há quem pergunte, há quem se arrepie.
Nesse castelo de traças
Fito o olhar daltônico de Ruy
O olhar que é meu e se perdeu
Em tua calçada, minha pele.
Tua maresia, minha alma.
Tua rotina, meu pensamento...
Solitário e delicioso pensamento.
Somos um só solitário
Em corpo e alma
Tu, com tuas construções de belas paisagens
E eu, com minha sombra que se esconde no seu cair de noite.

*UMA DECLARAÇÃO DE AMOR A MINHA AMADA TERRA:ILHÉUS

Monólogo

- Oi!
- (...).
- Teu semblante está mais sério... sente dor?
- (...).
- Levanta os olhos e engole as exclamações!
- Ah! E chega de interrogação, tá?
- (...).
- (...).
- (...).
- !!!. SUSPIRA!
- (...).
- Você envelhece demais quando está assim. Nasceste envelhecido?
- (...).
- Olha lá, a pesada sombra do caminhar daqueles andantes... olha lá!
- (...).
- Tua sombra pesa mais que teu corpo.
- (...).
- Não faz assim... não soluçe assim...
- (...).
- Tenho todo o tempo para ver teu balbuciar...
- (...).
- (...).
- (...).
- (...).
- (...).
- Hum...
- (...).
- Conversa com os olhos, cala com a boca...
- (...).
- Ei, olha só quem vem chegando lá dentro de teus olhos!
- (...).
- Sim... é ela!
- !!!

Vai saber

Vai saber...

Por que quanto mais te digo não, o olhar reclama sim?

Vai saber...

Por que minha Baía não é de todos os Santos, enquanto o desejo não floresce em mim?

Vai saber...

Essas madrugadas que não madrugam

Mentem muito sobre ti...

Por só madrugar, nunca acordei

E nunca saberei o porquê do meu tom chinfrim

Vai saber...

O porquê do teu sorriso monossilábico

Monofásico

Monofônico

Monocômico

Monalisa.

Por que os cânticos dos pássaros de outonos se cristalizam

(numa eterna primavera)?

Vai saber, meu Deus!

Vai saber...

Meu samba de uma nota só

Acompanha o gingado do moleque que remexe a bunda desvairadamente

Numa corrente,

Sobre cristais, seda e cetim.

Vai saber...

Quanto mais te enfeito em poesia

Mais você não quer saber de mim!

Por que, meu Deus? Por quê?

Vai saber...

Vai saber...

Notícia de rodapé

O eco ainda rasga a cabeça do pobre coitado
Agora, jasmim, papelão e água salgada enfeitam (nada de lírios).
Algumas sombras ao redor, dá dó
Tinha que ser assim: *pardocídio!*

Algum ideal naufragado
2 estampidos de receita policialesca
Quem fica que pague com centavos
Ou, então, a mão não enterra quem deita.

E B. B. King cruza o gueto
Harmoniza-se com o soluço maternal
Trilha sonora de cortar!

Negro drama – epíteto!
Algumas sombras, funeral
E o eco ainda está lá.

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Fora do ar

A TV está fora do ar
Eu também
Não há sintonia que me invente
Qualquer tentativa leva a um ponto só:
Tela muda!
Ensurdeci-me?
Há tanta lua prateada querendo envolver
Basta espiar por debaixo do lençol!
Tentar fazer um contato sobrenatural
Em qualquer grau...
Em qualquer frequência...
E assim... esvair-me!
Sim, dispersar-me em partículas de íons!
Há qualquer coisa de maior nesse silêncio de madrugada
Exatamente: o teto das estrelas que se desligam
E me chupam desta senzala!

PROVA VIRTUAL FATORA DIALÉTICA

Dança dos cisnes

Com tua graça e simetria
O ar se dissipa
E algo mais está a te cercar?
O vácuo...
Só o vácuo tem a ousadia de te acompanhar.

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Passaro, passando, passarinhando...

Minha alma é uma casa sem móveis
Tinturada de cor pálida
Um aconchego sem recheio
Uma semente que não germinou
Ai, minha calma é um enredo sem cheiro
Sem primavera, nem outono
Um beco sem saída
Cheio de traças...
Um espantalho que não espanta
Uma estátua cinza e branca
Cheia de musgos e passados.
Passaste quase que sem querer
E pousaste com seu colorido
Um pouco de cheiro, um bocado de recheio
Uns móveis e um girassol com Sol.
A sinestesia expulsou as traças
Trouxe beija-flores
O espantalho ganhou vida, nome e sobrenome
Um registro civil.
Mas logo, como quem ama e abandona
Resolveste alçar voo...
Levando contigo, o cheiro, meu recheio e o outono
Carregou a primavera com os girassóis...
Sem sóis...
O espantalho emudeceu
Sem registro de nascimento.

Entardecer

poderíamos dividir aquela bela paisagem
Nos olhos e nos ombros.
Dividir o canto do mar, a enseada, a maresia...
Dividir até o cântico dos pássaros
Que, em revoada, pintariam de cores vivas o poente
Com olhos cruzados e abraços...
Poderíamos compartilhar o morrer do dia
(Como queria que não morresse!)
Adormecer os sonhos debaixo daquela amendoeira
E de lá nunca mais levantar
Poderíamos escorregar nossas mãos na alva areia
Escorrer cada grão entre os dedos...
Va-ga-ro-sa-men-te!
Com cada gesto, suspirar a divindade
Repassar nossos lentos movimentos repetidamente
Frear a ânsia do crepúsculo!
Dividir nossas bocas, nossos corpos...
Dividir todo o belo que é eterno!
Confesso que sairia em grande vantagem...
Pois, de todo o belo... ao meu lado, no estalo das estrelas ...
Não te dividiria com ninguém!

Um tiquinho mais de “ão”

Resolvi pintar os quadros do sótão com til
Aproveitar toda aquarela de cores vivas
Trazer mais melodia, lápis anil
Ainda que me cante a morte vizinha

Fazer suspensa a poeira de pele minha
Cantar as traças, nessa armadilha
Atrair íons de flores vívidas
Trocar meus móveis que se apinham

Enfim, fazer vela, derrubar cera
Infinitar o momento...
Trazer exclamação!

Subir a escada, encerar madeira
Afastar o lamento!
Acender meu “ão”!

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Sai de mim

Há qualquer coisa de absurdo no toque dos seus cabelos, mulher!
Não é o perfume espremido e esvoaçante
Não são os malabares das cores que sambam nos teus olhos...
Não é!
Há muita coisa de sacana nisso, mulher!
É você me prender do jeito de jamais...
Seu açoite de negra lua
Minha penitência, mulher!
Meu pecado, minha vida
Ê mulher!
Vá de reto!
Siga em frente!
E deixe de me entorpecer com seus quadris tão gentis!

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Somos quase perfeitos

temos nosso pão, nossa vaidade
Olhamos em outras mãos, a manteiga...
Como quereríamos que fosse nossa!
Mas, temos nosso alimento, nosso recheio
Nossas verdades!
Inda agora revirava os olhos
Buscando o broto em outras raízes
Sem saber, sem perceber, quase sem merecer
Olha! Logo abaixo, as pilastras já nos sustentam!
Temos nossa saliva, nosso perdão
Nosso meio de vida, nosso sentir ancião
Temos tudo de nós!
Mas, tem que ser assim:
Buscando o nada dos outros!
O nada diz, o nada bão...
Nossa traição!
Trairemos nos até quando?
Até perdermos os sentidos, nosso passo...
Para quê ser o outro, se
No fim,
O canto do bem-te-vi é só dele?

Soneto da desilusão

Tive a impressão do teu olhar sobre o meu
Daquele sorriso gratuito e sentido em mim
Logo, a primavera transbordou-se em jasmim
Levantando cada sonho desse corpo ateu

Num instante, o samba mudou o ritmo
E o corpo infeliz não acompanhou o desacerto
Essa ânsia de inspirar teu sorriso místico
Deixar de lado a sombra do desapego

Dizia-te: vem que a hora é essa
Arrastaram-se minutos de silêncio eterno
Pagaria meus pecados e promessas

Rompeu-se o tom mudo, a resposta da espera
Ensaia-te teu olho fundo, teu belo nada terno
Dizia-me: ponto final, sem porta entreaberta!

Nun piscar d'olhos

Este olhar reto, fixo e tranquilo...
Invade, despe e desmerece
Qualquer um que te cruze!
Este olhar risonho, macio, de edredom...
Conforta, adormece e inspira
O que quer que te fite
Olhar-te é tarefa arriscada
Afinal, nunca se sabe se o momento...
... será de seu piscar d'olhos!
O mundo é deserto enquanto seus cílios
Descem tão educadamente.
E a magia divina se renasce
Quando sua alma se descortina
Em sua janela de negritude infinita!
Ah de quem observar-te!
Encarar-te!
Ah de quem...
De seu olhar fotográfico, milimétrico...
Nada escapa!
... a canção da primavera habita-se no
Ensaio do teu sorriso.
E todo o inverno se eternizaria
Nas lágrimas dessas janelas
Que Deus nunca há de permitir que chova!

“Jurisdictio”

Dizer o direito
E quem o diz?
Qualquer pinguim...
E, realmente, é?
De que importa?
Essa é a raiz humana...
E os frutos?
Estão despencando...
... todos podres!
Viva a Roma!
César, traga essa cesta chamada Coliseu!

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Mirante do cariri

São açoites de couro nu
Cozinhando sonhos tão dormentes
A saudade só é cara para quem sente
E a vista, daqui, tem sido tão nublada...

Há quanto tempo tem-se dito:
A solidão é prima que não se espera!

Há quanto tempo tenho-me dito:
Carrega-te a mala, tranca a fechadura!

Quem me dera...

Esse vazio escala tantas serras...
Transborda...
A ânsia transmuta! Insulta!
Caduca-me!

(...)

Até que...
O olhar sombrio se decompõe no horizonte!
Eis que surgem as setas amarelas do Sol
Rasgam o sonho!
Transgridem as medidas!
Enlouquece as nuvens!

Astro-rei mal educado...
Este peito serve de para-raios
Esclarece os sentidos?
Não...

Essa teia...
Serve de escada para,
Numa próxima nuvem,
Mais uma vez despencar-me!
29/04/2010 – 02:29

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Simbiofagia

Sabe aqueles encontros casuais?
Onde duas almas despencam?
Uma é a muleta d'outra?
A síndrome da *simbiofagia*...
Em qualquer banco gélido, em qualquer tarde...
Num Café, numa esquina...
O torpor adormece, paralisa e emudece!
O momento exato onde todos os conceitos cedem à exclamação
Só há uma conjugação: ser.
Tão absoluta, absorta, absurda... abrupta!
Nada mais está...
É!
Tudo muito fluido...
Uma infinidade de íons!
Tudo assopra tão fácil...
Tão macio...
Tão... tão!
Há quem nasça apenas para este instante delirante!
Há quem debruce a vida em teses e antíteses, após a hecatombe!
E se... de repente... de joelhos... apenas se reconhecesse...
Será(ão) desse(s) encontro(s) nossa(s) vida(s)?
Dos estilhaços, construir um hino?

Soneto da despedida

Há tanto adeus no olhar dele, que é dela
Esse momento que sangra, afoga o suspiro
Dói o último deslize das alianças, enterro da promessa!
O querer retroceder o instante, morrer no instinto!

Eis que os corpos desenham uma distância secular
As amputadas almas, não.
Ele ensaia um movimento bussolar
Ela suicida-se em exclamação!

Ai desses órfãos, meu Deus!
Cada destino, uma ilusão!
Fizeram-se solitários sozinhos?

Cada aceno, um sopro que se perdeu!
A morte na despedida é procissão...
E, assim, a chama consome o ninho!

18/10/2010 - 04:15 (am)
Aeroporto Antônio Carlos Jobim - RJ.

Recado a rebouças

Há tanto candidato sonhando
 Ser um universo em um só
 Tantas vontades em ser
 Só recheio... só jardim!
 Tantos querereres...
 E, só de desejos, desfalecem enterrados
 Em argila podre!
 No terreno estéril da monossílaba
 Monofonia
 Monosintonia
 Monosincronia
 Monocromatia
 Monomania em autofagia!
 E tantos poucos outros
 Já rasgaram a linha infinita do universo
 Derramam as vontades em multicores
 Irradiam seus íons
 Todas as cargas!
 E os autofágicos se deslumbram
 Se debundam...
 Ah! Vida longa aos desbravadores!
 Estes bandeirantes da própria vida...
 São o jardim!
 Só recheio...
 Doam-se em gordos pedaços
 Até sumirem
 Na ilusão dos pobres outros (autofágicos)...
 Pobres crianças...
 Consumidores de ansiedade!
 Ah...
 Vida longa aos atores de si mesmo!
 Que se rasgam...
 Se devassam...
 Que se nutrem do pouco sorriso alheio!

E se desgraçam tanto...
Se mutilam tanto...
Renasçam, vívidos dínamos!
Gritem alto a vossa vontade!
Sois muitos em um só!
São sóis!
Ah...
Estes provocadores
Estão além e acima da liberdade!
São a liberdade!
Ah! Que ironia...
Amarga ironia...
São pobres marionetes de si mesmos!
Há régua para vossos desejos?
Sois tantos...
És tanto, amigo meu...
Tua cura está no espelho!

19/10/2010 - 11:05

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Hora marcada

Ele tem um compromisso

INADIÁVEL!

Com esta escorregadia, felicidade.

Só se esqueceu de avisá-la!

11:45 – 03/03/2011 – Fórum do Crato.

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Neném guanabara

Existe fim da linha?
Há quem diga que sim
Insiste-se toda semana, ainda...
E o tempo desmente, por fim!

Por quantos horizontes há andantes?
Neste lugar, neste instante...
Há dois apaixonados:
Um na barba; outro sentado!

E o que se procura na linha adiante?
Tudo o não conquistado dantes!
Essa é a quimera da sedutora loucura!

Interrogar-nos-emos até quando?
Qual será a medida certa do pranto?
Esta é a nossa sina: alma impura!

A vírgula

Esta mal assombrada!
Despertadora de ódio e frustrações!
Tão arrogante, absoluta e, incrivelmente,
Carente!
Flerta com o vocativo
Trata-o tão bem!
Ilumina-o, afaga-o, coloca-o
num pedestal!
Não perdoa burrice!
Ai de quem maltratá-la!
Fica zarolho!
Desconcertado!
Desmistifica todo o sentido da vida
Ah... e quando ela quer ignorar, hein?
Permite um blá-blá-blá sem fim
E, ainda, no fim, convoca a tão prostituída
Etc.
Ah, esta linda amante reclama prestígio!
Absolve e condena!
É capaz de declarar a paz ou a guerra!
Este ferrão tão venenoso!
É a mulher mais necessária e necessitada
Convoquem-mo-na!
Afinal, tem candidata melhor
Para tirar
o
fôlego?

19:51 – 4/03/2011

Eternidade

Depois de uma madrugada daquelas
Manuel vociferava:
Se sou cometa e sou estrela
De que importa o gole da cerveja?

Os transeuntes, nem aí
Estavam a passos de boi
A caminho do curral...

Até que um cômico ressacado
(Jogado há dias na Manoel Dias)
Compreendeu toda a metafísica da vida!
Praguejou:

E sou galáxias e matéria orgânica
Tenho a idade do Universo
E a paixão de todas as auroras!
Minha boca, pura carne...
E meus olhos, $E=mc^2$!

Manuel, com sorriso largo
Sob sol a pino e esforço de suor
Tomou o compadre pelos ombros e
Foram-se... em direção ao Rio Vermelho...

E as perguntas ainda cambaleavam,
Trôpegas...

De
que
importa?

De
que
importa?

21/09/2011
07:14 – Barra do Mendes

Uma certa lição

A caatinga tem tanta vontade de vida
Assim como eu...
Bastam algumas solitárias gotas
E o verde sorri!

Estas vaquinhas tristes de tetas murchas
Murmuram tanta piedade nos olhos
Assim como eu...
Escarafuncham sua vontade em qualquer miragem
Mesmo que só engulam terra!

Essas crianças nuas, com alma de barro
Correm com o riso desdentado, sem preocupação no amanhã
Assim como eu...
Dançam a ciranda de melodia triste
E a tristeza se afoga quando engolem o pão

E o velho barbudo tudo observa, meu Deus!
Caatinga, vaca, criança e solidão.
Espanta o barro do rosto... não como eu!
Sem tempo pra moleza, cospe fora o fumo
Toma a sua senhora pelos braços
Sorri-me o riso sábio
E vai se deitar...

Barra do Mendes – 9/11/2011

Sussurros de pai para filha

Confidencio-te, amor:
Crio-te e amo-te para além
Por mais insuportável a dor
Construo tuas asas sem porém

Alce teu voo, sua empreitada.
É para isto meu eterno esmero:
Cuidar dos teus primeiros passos, mãos dadas
E observar os tantos outros de joelhos!

Minha calma é desenho de tinta rubra
Ombros largos para qualquer suplício
Nesta tua linda despreensão de viver

Recolherei os teus cacos se porventura
O vento te pregue peças, esse cínico!
E te renasço, como da primeira vez!

20/04/2012 – 12:41

Q atropelo dum sujeito pragmático

Ele prefere o olhar reto e a fala pausada
Ela, o soslaio e as gargalhadas.

Ela dança de olhos fechados e contempla as estrelas
Ele não dança.

Ele adora preto no banco e diálogos eficientes
Ela, Pablo Neruda.

Ele é enfático em reconhecer que as nuvens são meras formações de gases
Ela escorrega no arco-íris.

Ela abusa do coração aberto e se machuca...
... mas, também, se apaixona.
Ele sente-se orgulhoso em calcular os riscos de uma relação.

Ele não arrisca.
Ele quase não sofre
Ele enche os bolsos
E sorri o riso mecânico.

Ela é feita de perfume e carinho.
Se pinta e se borra
Não economiza nas flores
E vive reclamando paixão.

Ela, kama sutra.
Ele, papai-mamãe.

E na esquina, eis ele...
Sinal vermelho: paralisado!

Lá vem ela... a passos largos
Atropelando a cinza das horas!

Sussurra no ouvido dele e
Vão-se...

Lado a lado e descalços!

17:18 – 27/06/2012

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

E ele
Desejoso de estar
No epicentro dessa coisa toda
Chamada paixão.

Mas, a contragosto
Sobrevive essa vida em suspenso
Onde a calma agonia
E a brisa fraca emudece os sentidos.

Olha ao alto
Arranha o teto do sótão que lhe serve de caixão
Arranha,
Arranha,
Até cair os pedaços dos dedos.

Grita,
Grita,
Até a sua voz se confundir com
O silêncio.

Se rasga, se violenta...

Se magoa tão pra valer.

E a ausência de algo maior não dá trégua!

Nesta vida em suspenso!
Esta teimosa e maldita vida
Em suspenso!

(22/05/2013) - 17:23

Selfie

Essa vontade de esculpir o sorriso largo,
Ainda que esteja desbotado
A ânsia de posar o olhar cintilante,
Mesmo que quase sombrio.

Essa necessidade de vomitar felicidade

Não para, não para...

Sussurrar não à melancolia
Transar mundos e espíritos incautos
Estar, estar, estar e nunca ser
Irradiar abraços de muitos braços solitários

E estampar nos *outdoors* impressos da alma:
Somos Dorian Gray!

22:55 – 08/01/2014

A linguagem do amor

Décadas atrás, um lindo pássaro bateu à minha porta
Soprou melodias de arrepio e se enroscou em mim
Me compôs em canto de notas únicas

E deixou seu perfume
Em minha pele

Insistiu em se comunicar no silêncio
Com aquele olhar de anjo da guarda
De quem tudo dá
E nada pede.

Meu passarinho...

Com paciência, cantarolou que o puro é
O belo.
E que a bondade é
O eterno.

Ensinou, ensinou, ensinou...

E, depois, alçou voo...

Nem me despedi do meu passarinho...

Mas, as melodias musicais estão por todo o lugar...
“Filho, amar se aprende amando”.

23:37 – 19/03/2014

La señorita y su martini

Aqueles olhos verdes engoliam o mundo ao seu redor
Naquela escuridão densificada
Os passantes,
Os clientes,
Os devoradores de madrugadas
Aquele multidão absorta em volúpia
Incontrolavelmente entorpecida de si mesmo
A sinfonia regia os corpos frenéticos
Exceto o daquela garota
Ela sabia que a vida é absurdo
Sua língua passeava pela taça
Goleava o amargo
E se perdia naqueles lábios cerrados!
As vozes trôpegas inundavam aquele ambiente
Aqueles olhos verdes engoliam fundo
As mãos rijas!
Alvas como o luar que se esculpia lá fora
A madrugada ia e vinha
Todos balançavam!
Exceto aquela garota...
... e o seu martini feito de lágrimas.

17:58 - -7/08/2014

Ansiiedade:

Ânsia(da)idade?

21/05/2016 – 18:00

ÂNSIA(DA)IDADE?

E essa agonia
de tudo pra ontem
Esgota a esperança do futuro, que já não existe.

20/05/2016 – 16:00

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALÉTICA

Doar-se-em-ti

E esta medida
De nos abandonar no outro
Antes de em nós mesmos?
Como pedir licença
A nossa dama, Sra. Egoísmo
Que... “vá lá... dê uma volta...”
Enquanto me doo?
Ser terceira ou segunda pessoa
Antes de ser primeira
Convidar a amiga protetora, D. Malícia
A ser menos educadora.
Fazer este ensaio
Umás duas vezes por dia: ao esticar os braços e
ao divagar-se em sonhos.

18/11/2016 – 12:09

Toalha de flores

Do pólen ao pólen retornaste, meu amor
Mas, antes, permitiste àquele pássaro
Se embrenhasse em assovios, cânticos fina cor
1980 e eis-me aqui... em soluços de hiato

Querido filho, abraça esse manto perfumado
Tintura a pele em bondade
Faz do amor colheita eterna em finos traços
Dá-se por inteiro porque a vida não é metade

*“Ce sont les fleurs et tu me les as données
Per tutta mia vita la ringrazio
Ahora conozco la verdad porque
Sou a liberdade em toalha de flores, descalço”*

Tuas mãozinhas que tanta falta me fazem
Entregam a toalha mais pura... minha paisagem!
De tão úmidas enxugam-me fundo e costuram
Pétala por pétala, minha armadura!

Enfim, cubro-me em caule, me faço raiz
Torno-me folhas sem espinhos
Na cúspide, tuas flores em meus olhos
A outrora pele, agora pétala
Já sou pólen a voar...

*“Ce sont les fleurs et tu me les as données
Per tutta mia vita la ringrazio
Ahora conozco la verdad porque
Sou a liberdade em toalha de flores, descalço”.*

10/11/2020 – 11:42

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALETICA

Posfácio um

A poesia de Marco Aurélio Amado nasce da observação. Não só da observação do que lhe cerca, mas também - e tão marcantemente quanto - do olhar reflexivo que lança sobre si.

Seus versos são imagens que fluem em constante desdobramento, até nos colocarem diante de um prisma de possibilidades. O autor aponta o que observa, mas o faz oferecendo a cada um a chance de um entendimento particular.

Os temas abordados criam uma identificação direta com o leitor. Estão lá diversos sentimentos que nos são comuns, sem que isso implique em uma abordagem desgastada. A escrita de Marco Aurélio Amado é própria, e é “com sorriso largo / sob sol a pino e esforço de suor” que ele nos entrega este seu primeiro livro.

Mateus Borba - 03/11/2020.

PROVA VIRTUAL EDITORA JALÉICA

PROVA VIRTUAL EDITORA DIALETICA

Pós-fácio dois

Transcender, elevar-se, percorrer o íntimo da existência. Essas são algumas das sensações que a poesia desperta e, nesta obra de estreia na lírica, inspiração genuína do professor, profissional e grande conhecedor do Direito – amigo muito querido - Marco Aurélio Nascimento Amado, os sentimentos mais profundos, inquietações e afetos são revelados em seus versos, que foram cuidadosamente preparados no permeio da sua sensibilidade e acontecimentos de vida.

Ler suas poesias, como “Uma certa lição” e “Sussurros de pai para filha” é rebenotar a vida em seu mais puro significado. Em “Uma certa lição”, o autor cria todo um cenário da caatinga, descreve de forma apurada o dia a dia de seu povo, traz elementos da natureza das coisas e da solidão de sua gente. Impossível ler e não se ambientar sensivelmente nessas tão bem escritas linhas.

Já em “Sussurros de pai para filha”, a afetuosidade do poeta se apresenta na mensagem de amor e respeito de um pai, que quer ver sua filha livre, seguindo seu escolhido caminho, mas sempre atento às suas necessidades e as inevitáveis quedas que se toma na vida. Poesia afável e nobre que, como muitas outras do autor, demonstra seu cuidado e preocupação com as liberdades e sentimentos humanos.

Então, viajar nas linhas do livro “Toalha de Flores” é deliciar-se com a poesia e aquilo que ela desperta de mais intrínseco, ainda mais nos sumptuosos versos deste poeta estreado que, de tanta sensibilidade, lucidez e conhecimento, até parece caminhar por essas curvas há incontáveis tempos.

Sidarta Bastos - 10/11/2020.



DIALÉTICA
EDITORA

Este livro foi impresso sob demanda, sem estoques. A tecnologia
POD (Print on Demand) utiliza os recursos naturais de forma
racional e inteligente, contribuindo para a preservação da natureza.

"Rico é aquele que sabe ter o suficiente"
(Lao Tze)